

Moncho Reboiras. 40 anos presente nas luitas e combates do teu povo

PRIMEIRA LINHA :: 07/08/2015

Homenaje de Primeira Linha a Moncho Reboiras en el 40 aniversario de su muerte en combate

No quarenta aniversario da morte en combate de Moncho Reboiras, Primeira Linha quer homenagear ao dirigente comunista e independentista galego, assassinado pola policía española 12 de agosto na rua da Terra de Ferrol.

Moncho é o mais destacado alicerce da esquerda independentista galega contemporánea, exemplo de militante revolucionario, guía dos principios medulares que deben regir o Movemento de Liberdade Nacional galego: auto-organización, flexibilidade táctica, internacionalismo, combatividade, coraxe e determinación.

Nós, comunistas galeg@s seguimos con modestia e humildade o teu exemplo que segue vivo nas entranhas do proletariado galego, porque “Que importa que nos matem se deixamos semente de vencer” .

Reproduzimos integramente a biografía da agenda independentista 2015 editada pola desaparecida NÓS-UP a fins de 2014, con a selección de poemas dedicados por algúns dos mellores poetas da Pátria.

Moncho Reboiras 1949-1975

“Que importa que nos matem se deixamos semente de vencer”

A noite cobreu-se de bolboretas roxas
que se queimáron no lume de Agosto
As palabras dos labregos galegos
ficáron quietas no ar
quando as bateladas de lume
emoureciam medas e colleitas.
As sombras da noite pousáron-se

sobre os lousados de Ferrol.

E ti, meu capitám,

corrias c'ó valor de todo'los galegos

agachado no teu peito destemido.

E detrás de ti, meu capitám

os cans fascistas, entolecidos

carrajentos,

co'as babalhas do imperialismo mais feroz

chamando polos cás

de todo'los impérios anacrónicos.

Os obreiros galegos tivérom que vender

a sua força de trabalho

polas esmolas que mandavam

os donos dos cás de Espanha.

Ouh, meu capitám.

ouh José Ramom Reboiras,

com o ferro de todos os punhais e coitelos,

de todos os fuis e dos canhões

sobor do teu coração

galego, apaixonado e generoso.

Que silêncio nas ruas mentres

a soidade de todos os galegos

se fechava nos teus olhos

e o lume de Agosto caía

em carambos dos cás

-c'ó seu coração ateigado

de medo e cobardia-
ouveando carrage,
rodeárom-te frente ao portal
multiplicando-se em centos por minuto,
saindo de toda'las coveiras da cidade,
já enloitada,
temendo-lhe a tua indomável valentia,
cismando nas medalhas podres
que adornariam o seu peito assassino,
a sua consciência sinistra
de enterradores do Povo Galego
e dos seus militantes mais valentes.

Lois Diéguez, *Companheiro Moncho*, 12 de agosto de 1977

Introdução

Um exemplo a seguir

Sem lugar a dúvidas, a figura de José Ramon Reboiras Noia é o melhor referente de combate e luta de um povo que nom se resigna a ser derrotado polo projeto imperialista espanhol.

Neste quarenta aniversário da sua morte, muitas cousas tenhem mudado, basicamente a organização política que tanto contribuiu para desenvolver e consolidar, mas também a sociedade galega da qual foi e é um dos seus mais destacados filhos. A opressom nacional que a Galiza padece por Espanha nom só se mantém incólume, como tem aprofundado a sua sofisticação e eficácia. A exploração do povo trabalhador polo Capital tem atingido graus inimagináveis na etapa em que Moncho criou as bases do movimento obreiro genuinamente galego.

A esquerda independentista galega organizada em NÓS-UP nom arriamos as bandeiras que abraçou Reboiras, como tampouco alteramos a história, esvaziando a sua figura e o seu exemplo, integrando a sua luta em função das necessidades da política espectáculo institucional, transformando um guerrilheiro urbano –o mais elevado degrau da espécie humana em palavras do Che- num mero ativista cultural e sindical.

É indiscutível que Moncho Reboiras consagrou a sua vida à luta. Divulgar a sua biografia, reivindicar o seu legado, promover o seu exemplo, é a nossa humilde contribuição neste quarenta aniversário do seu assassinato pela polícia espanhola na rua da Terra de Ferrol.

Mas a luta em base à auto-organização do povo galego, em base às dinâmicas próprias, às necessidades, características e ritmos das sua classe trabalhadora e camadas populares. Eis a grande achega na que Moncho deixou o mais preciado de um militante revolucionário e um ser humano, a sua própria vida.

Ainda que o queiram fagocitar, maquilhar, integrar, Moncho Reboiras continua vivo e presente entre o povo combatente, na auto-estima coletiva das lutas quotidianas contra o desemprego, por um salário melhor, por uma sanidade e um ensino público de qualidade, em defesa do idioma e contra o assimilacionismo espanhol, contra os despejos e na defesa da vivenda, contra a opressão e os direitos das mulheres, por um futuro digno para a juventude, na defesa do nosso ecossistema, na luta contra a voracidade do capitalismo em crise, pela Soberania e a Independência Nacional, contra o imperialismo, pela República Galega, pelo Socialismo e uma sociedade superadora do patriarcado. Entre @s que não capitulam e mantêm vivo o seu exemplo de rebeldia e coragem.

Anos depois, Abelardo Colaço em Agosto de 1980, e posteriormente Lola Castro Lamas “Mariana” e José Vilar Regueiro “Marcos”, em 11 de Outubro de 1991, também faleceram lutando contra os interesses do capitalismo espanhol.

A luta continua!

Denantes mort@s que escrav@s!

Biografia

José Ramon Reboiras Noia, popularmente conhecido como Moncho Reboiras, embora em diversas etapas da sua curta mais intensa trajetória vital também fosse conhecido pelas alcunhas de Pelinhos, Licho e Rianjo, nasceu 19 de janeiro de 1950 –poucos dias depois do mesmo ano no que no exílio bonaerense falecia Castela–, na aldeia de Imo, freguesia de Sam Joán de Lainho, do concelho de Dodro, na zona mais ocidental da comarca de Compostela, no seio de uma família labrega.

Estudou Educação Primária na escola unitária de Imo e, como todo neno do rural daquela época, também teve que ajudar nas tarefas agrícolas.

Moncho Reboiras nasce num período em que ainda está viva a atividade da guerrilha galega que durante uma longa década combateu de forma eficaz e organizada a ditadura fascista imposta no nosso país após o golpe de estado do 18 de julho de 1936, que tingiu de sangue as valetas da Pátria e converteu a Galiza num imenso campo de concentração.

Numa etapa caracterizada pela miséria generalizada em que sobreviviam as imensas massas populares, a emigração continuava a ser a única alternativa para fugir da pobreza e o atraso a que o capitalismo espanhol condena o povo trabalhador galego.

O fim da década de cinquenta é expetador do discreto novo abrolhar da consciência nacional da mão de reduzidos núcleos da juventude pequeno-burguesa, e da tímida reorganização do movimento operário após a liquidação física, vinte anos antes, da musculatura das forças políticas e sindicais obreiras pela implacável repressão fascista.

O Vigo dos seus primeiros anos

Com tão só nove anos, José Ramón Reboiras emigra com toda a família, com o seu pai José, a sua mãe Generosa e o seu irmão Manuel, para Vigo, à procura de uma vida melhor. José e Generosa instalam-se no bairro operário de Teis, na maior cidade do sul da Galiza e com os aforros logram abrir um negócio de hotelaria, o bar Noia, “Vinhos e comidas. Café express”.

Tanto Moncho como o seu irmão, um ano mais novo, ajudam a sua mãe a levar o negócio, estabelecendo de imediato relação direta com o ambiente obreiro e a sua crua realidade. A composição eminentemente proletária da clientela do estabelecimento devia-se a que estava encravado à beira do estaleiro Vulcano e das instalações de Rodolfo Lamas, uma empresa de construção civil.

Porém, as dificuldades socioeconómicas persistem, provocando que o pai se veja obrigado a embarcar em mercantes e petroleiros noruegueses, para contribuir na manutenção da família.

Todas as crónicas coincidem em definir o jovem Moncho como um rapaz responsável, trabalhador, estudante aplicado, um jovem que gostava do desporto e que sempre manteve grande curiosidade pela realidade social em que estava inserido.

Com quinze anos, quando estudava Ensino Secundário no instituto Santa Irene, tem a sua primeira experiência no mundo proletário, trabalhando de peão na construção civil por um breve período.

Em Castrelo de Minho, a recém criada União do Povo Galego (UPG), da que será um destacado dirigente anos depois, promove a oposição labrega à construção da barragem de Fenosa, no que é um dos primeiros episódios de oposição organizada ao regime.

Nesse mesmo ano, às 11.30 horas de 10 de Março de 1965, caía abatido pelas balas espanholas da Guarda Civil o último combatente em ativo da resistência armada antifascista. José Castro Veiga “O Piloto”, com cinquenta heróicos anos às costas, morria à beira do regato das Andorinhas, no Choupám, que separa as paróquias de Pesqueiras e Sam Fiz de Asma, ambas pertencentes ao concelho de Chantada, armado e identificado com o seu cartão do Exército Guerrilheiro da Galiza.

Os primeiros compromissos

É pois na segunda metade da década de sessenta quando o adolescente Moncho Reboiras, da mão do jesuíta Padre Jaime Seixas, entra em contacto com o emergente tecido cultural galego.

Primeiro na associação cultural O Castro, participando em actividades cristãs progressistas de fim de semana, onde por meio do idioma perseguido descobre a Nação negada, e

posteriormente na Associação Cultural de Vigo, principal ferramenta organizativa da incipiente esquerda nacionalista na cidade olívica.

A onda ascendente de lutas operárias e populares que denunciam, desafiam e combatem a ditadura fascista provocam que em 1969 seja decretado o estado de excepção.

É precisamente neste ano quando os irmãos Reboiras, José Ramon e Manolo, entram na primigénia UPG, uma organização política nacionalista de matriz marxista, mas com uma composição maioritariamente pequeno-burguesa, discurso interclassista e uma orientação marcadamente culturalista.

As primeiras tarefas políticas do jovem ativista continuam centradas na Associação Cultural de Vigo, basicamente na captação de nova militância mediante o imprescindível proselitismo que aproxime juventude junto do movimento de libertação nacional. Moncho, desde o primeiro momento, destaca pelo seu compromisso, constância e perseverança, por querer aprender e devorar conhecimentos, por superar-se permanentemente, pelas suas dotes organizativas e de direcção, mas também por dar um giro político e ideológico à UPG.

Porém, continua a participar activamente nas iniciativas da associação. **Em julho de 1973, sob o pseudónimo de Ken Sabe, publica o poema intitulado Berra Nom, que reproduzimos integralmente.**

Quando os fortes te assovalhem	fazendo os ricos mais ricos
e te bailem ao seu som	fai-te ouvir e berra nom!
quando estejas aldrajado	Mentres haja cobiçosos
fai-te um homem e berra nom!	que assovalhem por ter dom,
Quando vejas os “bons homens”	enquanto haja que ajoelhar-se
roubando pior que ladrons,	fai-te ouvir e berra nom!
quando vejas a injustiça,	Enquanto vejas homens rindo
fai-te um homem e berra nom!	por dentro chorar com a dor,
Enquanto vejas semelhantes	à sociedade em que vives
trabalhar de sol a sol	berra-lhe, di-lhe que NOM!

Rapidamente, da mão do marxismo, toma consciência da opressão nacional que padece a Galiza e da exploração a que se vê submetido o povo trabalhador e, portanto, da necessidade de construir o partido revolucionário galego para organizar e promover a libertação nacional e a emancipação de classe.

Simultaneamente, realiza estudos na Escola de Engenharia Industrial em Vigo, compaginando bom expediente com umha ativa participaçom nas reivindicaçons estudantis, incorporando sem complexos e com decisom a defesa intransigente do idioma galego frente ao espanholismo hegemónico nos ativistas ligados às organizaçons políticas reformistas e estatualistas. Neste centro participa na fundaçom da revista Des...tornillo', de clara orientaçon nacionalista.

Finalizados com sucesso os estudos na faculdade, logra realizar como bolseiro prácticas de engenharia no estaleiro Barreras, de onde é rapidamente expedientado e expulso polo seu compromisso militante de agitador e organizador. O jovem Moncho participa ativamente nas mobilizaçons e combates de rua da greve geral viguesa de setembro de 1972.

Posteriormente, trabalha na fábrica Álvarez de Vigo, antes de se mudar por razons de saúde, -tinha sido operado de pleura-, primeiro para Ferrol, incorporando-se a Astano, e logo para a Corunha onde compagina o seu compromisso militante com o trabalho de obreiro em Intelsa.

Nesse ano, tem que realizar no quartel de Figueirido o serviço militar obrigatório.

Jovem experimentado dirigente revolucionário

A precariedade e falta de meios humanos nesta etapa do movimento de libertaçom nacional galego provoca que a nova geraçom militante supra estas carências com ilimitadas doses de abnegaçom e entrega entusiasta. Moncho Reboiras é paradigma desta heróica empresa que logra em poucos anos, a base de sacrifícios e disciplina, ultrapassar os enormes obstáculos.

Entre 1972 e 1975, esta fornada combatente consegue evitar a destruiçom do nosso povo, sentando os parámetros das bases fulcrais para que, entre enormes contradicoes, avanços e derrotas, na Galiza de hoje o seu exemplo continue vivo no projeto estratégico da esquerda revolucionária independentista e noutras forças patrióticas.

As luitas operárias de março de 1972 em Ferrol, saldadas com o assassinato de Amador Rei Rodrigues e Daniel Niebla Garcia e dúzias de feridos de bala pola repressom policial, e posteriormente a greve que em setembro desse mesmo ano, abrange quase trinta mil trabalhadoras e trabalhadores da comarca de Vigo, é um ponto de inflexom no desenvolvimento da luta contra a ditadura e na recomposiçom da vanguarda nacional e operária.

A UPG, da mao da geraçom de Moncho, dá passos firmes, embora insuficientes, na superaçom do culturalismo nacionalista de partido-frente, no objetivo de se transformar num partido revolucionário comunista.

Um novo contingente de jovens operários incorpora-se à organizaçom fundada em 1964, facilitando a sua expansom territorial e basicamente a sua introduçom na classe trabalhadora. No quadro desta concepçom de organizaçom de vanguarda, a UPG impulsiona a criaçom de frentes de intervençom, além da cultural que já vinha desenvolvendo no associacionismo em defesa da língua e da cultura nacional.

Tal como o jovem dirigente revolucionário afirma no Terra e Tempo, vozeiro da UPG “Pola necessidade de criarmos um fortíssimo bloco nacional-popular que enquadre todas as forças politicamente antifascistas e antioligárquicas que poda dar a batalha ao regime assassino que nos aferrolha e que poda conseguir o triunfo final do povo galego sobre os seus inimigos: o fascismo e a oligarquia espanhola” esta organização promove em maio de 1975 -tam só três meses antes do seu assassinato- a constituíçom de umha plataforma política interclassista e assemblear com vocaçom de instrumento constituinte e coordenador do processo de superaçom do franquismo e de autodeterminaçom nacional: a AN-PG (Assembleia Nacional-Popular Galega).

Seguindo esta estratégia, em junho de 1973 redige com Manuel Lima o “Borrador provisional pra discutir sobre das bases dunha organizaci3n dos traballadores asalariados a nivel sindical” documento embionário do Sindicato Obreiro Galego (SOG).

Promove os “germes sindicais” que em 1973 se transformam em Frente Obreira para, em maio de 1975, darem lugar à criaçom do SOG, como a fusom de diversos sindicatos sectoriais do ensino, saúde, banca e trabalhadores do mar; as Comissoes Labregas (CCLL) como continuidade dos Comités de Ajuda à Luita Labrega (CALL); e ERGA (Estudantes Revolucionários Galegos) como frente estudantil.

Promotor da Frente Cultural

A coordenaçom e coesom do ronsel de organizaçoms culturais ligadas à esquerda nacionalista foi em parte resultado do ingente trabalho organizativo de Moncho Reboiras. Ele, com tam só vinte e três anos, é o artífice da importante reuniom decorrida na sacristia da igreja de Sam Martinho de Noia um domingo do Verao de 1973, que dá lugar à criaçom da Frente Cultural da UPG e à posta em andamento de iniciativas conjuntas como a revista Irmandinho.

O sindicalismo nacional e de classe

Moncho Reboiras foi determinante no processo de proletarizaçom da UPG e introduçom do movimento de libertaçom nacional no mundo operário, até esse momento sob a hegemonia do reformismo espanholista, basicamente do PCE.

Em Vigo, após a greve de setembro de 1972, tenta a aproximaçom de nucleos proletários da recém criada Organizaçom Obreira à Frente Obreira.

Já na Corunha, a inícios do Verao de 1973, no mês de junho, é co-autor do importante documento “Rascunho provisório para discutir sobre as bases de umha organizaçom dos trabalhadores assalariados a nível sindical”, embriom do que posteriormente foi o SOG como antecedente da ING-INTG-CIG.

Nesta cidade, consolida umha estrutura mínima à volta da publicaçom Xerme: Também estivo em Ferrol, trabalhando num primeiro momento numha empresa auxiliar de Bazán, para exercer de eletricista em Isolux Naval, umha subcontrata do estaleiro Astano.

Moncho Reboiras foi determinante na construçom de um movimento sindical genuinamente galego, com o centro de gravidade na estrutura de classes da Galiza e comprometido com as

necessidades e reivindicações específicas da classe trabalhadora galega.

Organizador comunista

A sua juventude era compensada com uma dedicação plena aos labores da Revolução Galega. Moncho Reboiras cumpriu um papel essencial na estruturação da UPG em diferentes regiões da Galiza, na coesão e unidade interna do movimento soberanista em plena expansão. Assim, a sua intervenção direta no conflito foi vital para frustrar uma tentativa de cisão em ERGA a inícios de 1973.

Chegou a ser um experimentado mestre da arte da luta clandestina e conspirativa. Demonstrou sempre grande habilidade para não ser apanhado pelos aparelhos repressivos do regime fascista, pela temida polícia política, a BPS (Brigada Político Social). Deste jeito, conseguiu sempre safar-se da detenção e da tortura, embora quando realizava o serviço militar tivesse sido interrogado em 1972 pelo temido Waldo Mazaira, o chefe policial de Vigo naquela altura.

Em janeiro de 1973, cai em Cangas do Morraço parte do aparelho de propaganda que contribuiu para criar. É incautada a multicopista, mas a militância ligada a esta estrutura consegue refugiar-se em Paris e no norte de Portugal.

Em abril de 1974, após um confronto armado com a Guarda Civil nos montes de Monforte de Lemos, sai invicto burlando o cerco e continuando a sua atividade político-militar pela causa da Revolução Galega. Tal como o Che, sabia que num processo revolucionário, se este é verdadeiro, ou se triunfa ou se morre. Moncho era dos que nunca optam pelas comodidades do sofá e das tertúlias de café. Dos que se implicam a fundo, dos que sem duvidar arriscam a vida pela Pátria e as suas maiorias sociais.

As suas cada vez mais importantes funções e responsabilidades facilitam que desde inícios de 1972 Moncho passe a fazer parte de maneira quase natural do Comité Central e do Comité Executivo da UPG, substituindo nos labores de direção o feixe de artistas, intelectuais e funcionários que hegemonizaram a primeira etapa e que, após a sua morte, voltaram paulatinamente a serem hegemónicos.

Dedicado plenamente à luta revolucionária, vai organizando células, núcleos de simpatizantes, grupos de apoio nos mais diferentes pontos do País.

Moncho estava num panfleto, numa pintada, numa assembleia obreira, numa reunião cultural, de estudantes, de labregos, num encontro clandestino, no assalto a um banco, na expropriação de uma multicopista, na redação de um documento, num debate estratégico, ensinando e formando jovens militantes, transportando propaganda, editando um boletim, lançando pedras à polícia, elaborando um cóctel-molotov, fugindo da perseguição, viajando no seu Seat 600 pelas estradas e caminhos da Galiza... na mais simples e na mais complexa tarefa de um militante comunista.

Um antigo camarada afirma que “O seu exemplo, a sua atenção constante ao trabalho dos companheiros e a sua grande determinação fazia com que todos os objetivos parecessem possíveis e reais”.

Coordenação e alianças internacionais

Moncho Reboiras foi um dos artífices das relações internacionais que a UPG começa a estabelecer na década de setenta.

A Revolução dos Cravos em Portugal facilita que a partir do 25 de Abril de 1974 a esquerda soberanista galega utilize o norte do país irmão como retaguarda. Deste jeito, a UPG começa a contar com valiosa ajuda de diversas expressões da esquerda revolucionária portuguesa e dota-se de gabinetes em Lisboa e Porto.

Também por meio de militantes exilados e emigrados a UPG, conta com representação permanente em Paris, Genebra e Caracas, onde concentra boa parte dos seus arquivos.

Porém, o mais importante acordo de coordenação internacional cristaliza na Carta de Brest, um conjunto de manifestos e documentos assinados inicialmente com o Movimento Republicano Irlandês (IRM) e a União Democrática Bretoa (UDB), à qual posteriormente aderiram organizações bascas, galesas, catalãs, ocitanas e sardas, para promover lutas e iniciativas conjuntas com o objetivo de que as pequenas nações europeias se dotassem de estados independentes de orientação socialista.

Também a UPG a partir de dezembro de 1974 assina diversas declarações conjuntas sobre diferentes temas de atualidade com a ETA e o PSAN-p.

Está documentado que Moncho Reboiras participa na primavera de 1975 em Madrid numa reunião com a ETA, à qual assistem Pertur e Wilson pela organização armada basca. O principal objetivo do encontro era lograr a sua colaboração para contribuir no desenvolvimento da frente armada da UPG. Porém, a infiltração policial do comando da ETA que colaborou na Galiza facilitou a posterior detenção de militantes, queda do grupo de Moncho Reboiras, exílio a Portugal e desmantelamento do núcleo central.

A luta armada

Desde inícios da década de setenta, tem lugar no seio do movimento de libertação nacional um debate sobre os métodos de luta que se deviam empregar. Moncho Reboiras foi um dos mais destacados defensores da necessidade de complementar a luta de massas clandestina e semi-legal com a formação de uma estrutura militar no quadro da sua concepção integral da luta insurrecional por atingir uma Galiza livre e socialista.

Desaparece dos atos públicos e começa a dar os passos na direção de implementar o que sem ambigüidades recolhe o Terra e Tempo especial em formato dossier sobre os acontecimentos de março de 1972 editado inicialmente no interior, sob a sua coordenação, e posteriormente reeditado em Paris: "(...) a necessidade que o povo tem de passar a formas mais avançadas de luta, chegando paulatinamente à luta armada. Galiza necessita um destacamento armado que apoie cada um dos movimentos e lutas de massas. Os obreiros de Ferrol não tinham mais que pedras nas mãos. O inimigo tem pistolas, metralhadoras e, se for preciso, tanques, canhões e aviões. Há que criar um exército clandestino que devolva olho por olho e dente por dente a cada crime e a cada tortura. Se não se faz assim, os obreiros, os trabalhadores, os estudantes, os nacionalistas e os democratas não avançarão

mais. A politização, a conscientização popular, está a chegar ao máximo. É preciso agora que as massas se sintam protegidas e apoiadas nas suas lutas por um destacamento armado, dirigido pelo Partido, e assim continuar até a vitória”.

No Terra e Tempo editado em maio desse ano 72, a UPG insiste na necessidade de “trabalhar pela construção de um partido que dirija corretamente a classe obreira no seu caminho face à luta final e à vitória histórica, e lhe faça ver a necessidade da resposta armada à violência do capital e da ditadura fascista.

Assim, a luta armada é algo que nós temos sempre proclamado como solução final. Não quer dizer isto que vamos lançar-nos a um terrorismo aventureiro. O trabalho político a fazer antes do desencadeamento da luta armada é ainda grande, de jeito que não podemos dizer quando nem como começará nem através de que etapas se desenvolverá. O que é bem claro é que chegará um momento em que a ação das massas populares não poderá avançar face à sua libertação definitiva à tomada do poder se não emprega a luta armada. Será então quando as massas populares criarem, sempre sob a direção política do partido operário, a sua organização ou destacamento armado”.

Desde 1974, Moncho tem como responsabilidade prioritária constituir a frente armada da UPG, participando nos operativos que a dotem da imprescindível infra-estrutura e logística: expropriação de fundos (assalto a bancos em Escalóm, Corunha e Lugo, a Fenosa em Vigo), de multicopistas, automóveis, papel, documentos de identidade (assalto e roubo de dezenas de milhares de “DNI”, máquinas de plastificar, selos, da esquadra policial de Lugo). Esta última e mais conhecida ação foi realizada conjuntamente com militantes bascos e portugueses e o “botim” distribuído.

Neste intenso período, tem que passar pequenas temporadas em Portugal, para evitar ser detido, e mesmo alterar o seu aspecto físico. Estadas sempre bem aproveitadas para manter reuniões com forças de esquerda como o Partido Revolucionário do Proletariado-Brigadas Revolucionárias.

O Moncho cabeludo e com bigode com que passou ao imaginário coletivo da luta de libertação nacional da Galiza, na realidade, não era mais que um disfarce para eludir ser detido e capturado.

Queda em combate

A inícios de agosto, são detidos numa operação policial três militantes da UPG e dois da ETA. A partir deste momento a ofensiva contra a Frente Armada precipita-se fatalmente. Moncho Reboiras é detido num andar do bairro de Canido de Ferrol na noite do dia 11 de Agosto de 1975. Cercado pela BPS e por mais de 300 efectivos da Polícia Armada, começa a caça ao mais importante militante revolucionário da Galiza do último meio século.

Após queimar a documentação que poderia danar a organização em caso de cair em mãos do inimigo e facilitar a fuga de Elvira Souto e Lois Rios -os dois camaradas que o acompanhavam no apartamento clandestino- Moncho não vacila: numa mostra mais da sua coragem e heroicidade, tenta atrair a polícia e superar o cerco.

Os seus camaradas escapariam saltando umha janela do pátio interior da casa contígua, e Moncho inicialmente através dos telhados, passa a outro prédio por meio de umha clarabóia cuja ruptura concentra a atençom das forças policiais.

Após horas de perseguiçom conseguem atingi-lo no portal de um prédio da rua da Terra. Como a rendiçom nom fazia parte da sua coerência revolucionária, com determinaçom e inteireza fai frente ao inimigo.

Perante o temor que a sua figura transmitia, é cobardemente acribilhado a balaços na manhã do 12 de agosto de 1975, no número 27 de um portal da rua da Terra do Ferrol proletário.

Manolo Reboiras relata assim como viviu essa jornada acompanhado da sua mae.

“Às 10 da manhã do 12 de agosto de 1975.

Dia calorento em que compartilho com uns alunos do bairro de Teis umhas classes de recuperaçom de matemática.

Um vizinho, muito nervoso e gesticulante, traz um recado para que urgentemente vaia a casa; algo muito grave passou ao meu irmao.

Faltam-me palavras para exprimir as lembranças e os medos que nuns segundos se arremoinhárom na minha cabeça. Havia meses que nom tinha contatos com Pepe. A última vez que estivéramos juntos, fora num encontro casual na estaçom de Atocha em Madrid, em março de 1975. Eu retornava para a Galiza e ele tinha umha reuniom em Madrid. Logo soubem que eram os encontros que a nível de Estado tinham as organizaçoms nacionalistas galegas, bascas e catalás para valorizarem a situaçom política e articularem umha alternativa conjunta que desse resposta à decadência da Ditadura e ao projeto que setores mais ou menos liberais e forças de esquerda espanhola estavam a organizar. Passei à sua beira e nom o reconheci. Ele tampouco falou. Ia bem vestido, com peruca e óculos. O instinto quijo que me virasse: ao vê-lo andar de costas, dei-me conta e chamei por ele. Daquela, achegou-se e estivemos a falar muito tempo até que saiu o meu comboio. (...)

Às 10.15 horas chego a casa. A minha mae está a aguardar. Dificilmente consegue vestir-se para a viagem. O meu pai está embarcado num mercante, na soidade absoluta do mar: tarda ainda uns dias em saber da tragédia e mais tempo ainda em poder arribar a porto. (...)

Passamos Padrom e Santiago e íamos já pola velha estrada, direçom Ferrol. O rádio do carro nom dizia nada. As notícias falavam da presença do Caudilho em Meirás e da botadura de um grande petroleiro nos estaleiros de Astano. A tensom palpava-se no ambiente. A minha mae olhava-me sem aguardar resposta: os dous calávamos. No fundo, desejávamos que Pepe estivesse ferido e poder trazê-lo para a casa.

No parte das 12, a rádio fala já de um confronto armado nas ruas de Ferrol e da morte de um moço de 25 anos, José Ramon Reboiras Noia. A minha mae estremece e sofre em silêncio. Eu tento manter a calma, enquanto pola minha cabeça voltam a passar em poucos segundos os 25 anos da vida compartilhada.

Ao chegarmos à Ponte das Pias, a ponte onde caíram assassinados havia uns meses Amador e Daniel, a tensom fai-se insuportável. Nos estaleiros de Astano, as autoridades civis, religiosas e militares compartilham a festa, enquanto a polícia secreta e os “grises” bloqueavam a cidade, registando qualquer cousa suspeita, buscando ativistas e detendo camaradas em Santiago, Vigo, Lugo, Ourense e Corunha.

Sobre a 1 da tarde, um funcionário municipal leva-nos ao cemitério de Catabois, nas redondezas de Ferrol.

Ali, num quarto, acima de umha rudimentária e fria mesa de pedra, estava Pepe, totalmente despido e com 3 impactos de bala nas costas, e nom na cabeça como consta no certificado de óbito, tentando justificar e dar umha coarctada ao vil assassinato.

Esses impactos de bala nas costas coincidem com a versom do “grises”, que declaram: “que al ser requerido para que se detuviera, echó a correr, por lo que los funcionarios actuautes, después de reiterar la voz de alto, trataron de intimidarlo con unos disparos al aire”.

Malferido e agonizante -um dos disparos afetou-lhe umha arteria por cima do coração, produzindo-lhe umha “anemia aguda e fulminante” -só lhe deu tempo a chegar ao portal da Rua Terra, nº 27, onde se desangrou. Tardárom mais de 2 horas a entrar e descobrir o cadáver. Antes cribárom o portal a balaços com mais de cem impactos e, finalmente, depois de entreabrir a parte superior da porta com uns troncos de umha obra próxima, guindárom duas bombas de gás lacrimogéneo e topárom o corpo”.

Posteriormente, tem lugar umha razzia policial contra a esquerda soberanista, realizando-se detençons de militantes da UPG em diferentes pontos da geografia nacional, ficando praticamente desmantalada a totalidade da infraestrutura de apartamentos clandestinos e depósitos de material da organização. A precariedade e inexperiência da recém constituída Frente Militar, a infiltração policial na ajuda externa, a prematura queda do seu máximo dirigente, mas basicamente a falta de interiorização e vacilação dos principais dirigentes sobre a natureza da luta, provocou que o projeto integral que Moncho estava a construir ficasse completamente desmantelado. A direção pequeno-burguesa hegemónica na UPG optou por manter simplesmente a retórica, renunciando a umha coerente prática.

O comunicado que o Comité Executivo da UPG emite em setembro, poucas semanas depois da morte de Moncho é exemplo disto, assume politicamente o projeto:

“A UPG afirma que o armamento que possuíam os seus militantes está ao serviço da luta e a defesa das classes trabalhadoras galegas contra o terrorismo fascista do Estado Imperialista Espanhol, entendendo que frente à quotidiana violência sobre o povo a resposta das classes trabalhadoras organizadas passa, necessariamente pola violência revolucionária”.

As causas polas que aquele jovem de 25 anos morreu, convertendo-se no mais destacado herói da nossa luta de liberdade nacional, seguem sendo incómodas para o nacionalismo hegemónico. Num artigo de “homenagem” a Moncho Reboiras publicado em 2009[1] um destacado dirigente nacionalista afirma sem o mais mínimo rubor que “Nom tenho consciência, tampouco nunca perguntei, de que se aspirasse a empregar métodos próprios de luta armada”. Como pode ser isto possível quando no segundo aniversário do seu assassinato a UPG difunde um caderno homenagem com um longo poema laudatório e umha

síntese biográfica, na qual se afirma “Dedicado de cheio ao trabalho partidário e compreendendo a necessidade da violência para defender as conquistas populares e eliminar o poder do fascismo imperialista, MONCHO, empreende com outros companheiros, um novo método de luta na Galiza: a luta armada”.

Apesar da pressom policial, das ameaças de multas e repressálias, centenas de pessoas, amizades, camaradas e familiares, assistírom no dia 13 de agosto ao seu enterro no cemitério de Imo. Desde o trágico 12 de agosto de 1975, nunca faltárom flores no seu túmulo, nem as lembranças diante do portal onde entregou a vida por umha Galiza libertada e socialista.

Polémico reconhecimento como vítima do franquismo

12 de agosto de 2009, data do 34 aniversário da sua queda em combate, o Estado espanhol reconheceu Moncho Reboiras como vítima do franquismo. Em cumprimento da Lei da Memória Histórica, o ministério espanhol de Justiça outorgou a condiçom oficial de vítima da ditadura. Antón Louro afirmou no ato realizado na Delegaçom do Governo na Corunha, perante dúzias de dirigentes do nacionalismo galego, que Moncho “padeceu ilegítimamente violência e perseguiçom que motivárom a sua morte pola sua defesa do movimento sindical e a sua militância política nacionalista”.

O naquela altura virrei espanhol na Galiza acrescentou que esta decisom parte de “um reconhecimento às conviçons profundas asentadas na democracia e a liberdade que orientárom o compromisso de Reboiras, umha figura com princípios e valores democráticos entre as melhores pola sua generosidade e entrega”, e com o intuito de evitar polémicas acrescentou que este reconhecimento “é um instrumento carregado de espírito de concordia das melhores tradiçons democráticas”.

A esquerda independentista nom participou num aparente, embora deliberado, exercício de confusionismo porque nem Moncho nem a nossa luta pode nem deve contar com o reconhecimento da mesma Espanha que o assassinou e que continua tentando por todos os meios destruir o nosso projeto nacional.

Reclamo a liberdade pr’o meu povo

Na mémória de José Ramón Reboiras Noia[2]

No vento de maçám que se desfraga

nos cons e pedregulho solar

do cabo de Home e Punta do Cavalo de Fora

reclamo a liberdade pr’o meu povo.

No menino que dorme
no edredom dos teus olhos
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nas velhas mans agrárias,
nas loias amorosas dos estios
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos bicos acedíssimos e tenros
dos meus filhos imensos
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos sangues artesáns que tenho ardendo
em cada dedo meu;
nos finos lavradores que aparecem agora no papel
levando chapéus pardos, panos de seda e zocas remontadas
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos crepúsculos de anis
nos que se erige a família naval de Manoel António
e pom, de arca e couso, pequeninhos
lumes azuis e brancos de Sam Telmo
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Na angúria de arandela que te cerca,

nos marcos, portas, fechos, nos duríssimos e sem luz
arames, nom me torço e
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos têpedos infernos da tua boca, ferida
de comunhom ao sol e ao vinho mais adentro,
diapasom da verdade de pantrigo
e cúmio do cabaço e da alvorada boa
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Na cizanha, composiçom, feitura, debuxo ruim
de cada cerimónia de convénio colectivo
cegando o nosso fogo metalúrgico
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Numha nena de seis anos que nasceu em Basileia
e cantou p'ra mim a Internacional em idioma galego e nom
puidem reter o pranto e foi em mil novecentos
setenta e quatro, e por ela
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nas muradelhas de couselo e da violeta
nas fonduras da carriça e dos fentos
nos castros, calçadas e vieiros
(pedra do além) p'ra sempre abandonados
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos caminhos fechados, nos abertos,
nos que levam às casas dos homes nossos de cada dia,
nos tranportes por ferrocarril,
nos irmáns que governam as máquinas do mar
e os camions na alta noite,
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Na fogueira de Londonderry, em cada palavra,
em cada palavra do nosso tio Ho Chi Minh, como um ouriol,
enchendo a tarde de luz nacionalista e líquidos
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Na sindical reconstruom diária
de cada cousa partida e volta a endireitar,
na uniom mínima dos homes arredor dum problema sórdido,
em cada petiçom em grupo,
em cada contubérnio de mans dadas
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Na casa dos meus avós arrecendente
a si própria, singular no mundo;
nos cavalos da serra e nos mineiros
de Lousame aquel vinte de Santiago
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

No estemecido urro das marés em guerra,
no arrualho do amor e na rapaza
perdida sem que fosse nunca nossa
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

No comer e no beber
à volta da ola de camaradagem,
no sacro segredo à volta da pérola de luz clandestina,
no medo e na teimosa retesia em torno do adverso
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos luitadores de xofre e lume acedo,
nos defuntos endejamais vencidos,
nos que virám e som ainda lene brisa e voz de melro
e portarám o ferro e darám a morte clara
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos rios, nas folgas, nos romaxes,
nos protestos nos muros, nos escritos,
nas gaitas, nas areias de Espasante acaso
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Nos emigrados, nos perdidos, nos presos, nos explorados,
nos que contemplam a debalar das águas
sem fim, nos que confiam no meu par
tido (tuba de despertar ou caminho que nunca se desanda),

nos que combatem e ham de ser lôstrego
achaiador, neles ponho a minha língua e descanso os meus olhos
reclamo a liberdade pr'o meu povo.
reclamo a liberdade pr'o meu povo.

Poema/homenagem a José Ramom Reboiras Noia

JOSÉ RAMOM REBOIRAS NOIA,
amigo, camarada, estrela
vermelha-azul-branca no mencer
prometedor da nossa pátria,
herói em tempo de traiçom,
corrupçom/cobardia,
martelo
proletário,
remo
com sabor a sal e iodo;
fouce labrega/vingadora;
espiral que vem dendes do
fundo do tempo para abrir-se
em claridade e futuro.

Ti eres
a pedra=mestra para
re-EDIFICAR a nossa casa.
Puidérom segar-che a vida,
ouh, Moncho, meu irmao!,
a-assa-ssi-nar-te.

O que eles nom puidérom,
nem poderám endejamais,
é arrancar/esmagar a
semente que deixaste
esparexida no coração
do povo,
na vigiante
consciência colectiva
e que
já está a agromar em
pátria-ceive/socialista.
Esta é, ouh, camarada,
amigo e irmao
i
nes
quen
cí
vel!
a tua vin-gan-ça,
a nossa
vingança i-ne-xo-rá-vel.

Manuel Maria, do livro Poemas para reconstruir umha pátria, 1977

Companheiro Moncho

Que palabras podem explicar a tua ausencia,
companheiro.

Que palabras, meu capitám,

Podem chorar o assassinato
que nos deixou espidos fronte
às maus ensanguentadas
dos filos do Tio Sam.

As paisagens silenciosas
queimam-se hoje na luz esmorecida
deste agosto ardente.

Aldeias tristes
tecem flores murchas quando a tua chamada
percorre as corredeiras
nas pombas-panfleto
que as maus dos que te choram
deixárom pola noite.

Que força vai ter a palavra
depois da noite da metralla
a buscar
o teu sensible coração de auroras
e rostos luminosos.

Como há que trabalhar a palavra, agora,
amigo dos sultos e das penas,
a nossa voz de pregos e feridas,
o nosso idioma ametralhado

que tu ergues-te com orgullo
que dá a consciencia do ser,
numha bandeira.

Como há que trabalhar a palavra,
diz, Irmandinho deste novo tempo,
para convocar
os homens e mulheres que dérom o sangue
pola Pátria,
polo pam,
polo abrente de luz que vence o medo.

Como há que blindá-la companheiro,
para que nom a envenenem as aranhas
ou se bote nas maseiras dos imperialistas
e vendidos.

Na noite violada ardérom as asas
das bolboretas traíçoadas
Chegavam urros de labregos
quando as badaladas de lume
calcinavam as suas airas.

As sombras da noite cravavam gadanhas frias
nos lousados de Ferrol.

E tu, meu capitám,
corrias
aceirando o jardim madurecido

do teu peito.

Iam os fascistas na procura,
ouveando como os cans
de todos os impérios confrontados.

Moços galegos ficavam no peirao,
aa praça pública, a expor o seu corpo
como escravos
ao capital de cada dia.
Nom te ouviam, atarefados eles
na poja das suas vidas.
nom podiam.

Como um anjo negro
alancava o silêncio polas ruas
e nos teus olhos fechava
o pranto dos despossuidos.
O lume de agosto chovia em carambos
como umha despedida de foguetes brancos
Já te acolhia o portal da casa popular,
a porta feminina que te protegia.
A noite bradou sob as pistolas assassinas.

Marinheiros navegavam longe
o furacám e a onda.
Nom viria o peixe pola amanecida.

A cidade, José Ramom Reboiras,
estremeceu com o eco dos disparos
que iluminárom
o trágico portal
no que cai-ches.

Ouh, caravel ensanguentado
Ouh Castelao, ouh Roi Xordo, os de Nebra e Sofam ...
encolhidos no silêncio da ruína.
Ouh Ferrol, Ferrol,
Remo e martelo e zafra,
Sangue derramado de
Amador e Daniel,
Ainda ontem,
ontem

Nos campos verdes da Galiza
coilhetaremos amanhã
os vermelhos caraveis
de um novo tempo de fachenda
e valentia.

A estrela verelha guarda a tua Galiza,
meu capitám,
capitám dos Irmandinhos de hoje,

e cintila potente e cegadora

espaldando o seu lume de

LIBERTAÇOM

por todos os currunchos desta Pátria Nova e Popular

que seguimos a luir com conuiçom.

Pensando em ti.

Pensando em ti.

[1] Moncho Reboiras. O nacionalismo galego nos anos 70, Fundación Bautista Álvarez de Estudos Nacionalistas, Compostela 2009.

[2] Poema de Xosé Luís Méndez Ferrim do Livro Com pólvora e magnólias publicado em 1976.

<https://galiza.lahaine.org/moncho-reboiras-40-anos-presente>